

**Acordos comerciais impulsionam setor agroalimentar da UE**

Um novo estudo independente da Comissão Europeia revela que os acordos comerciais têm contribuído para dinamizar as exportações agrícolas da UE e apoiar o emprego no setor agroalimentar e noutras áreas da economia. Os acordos com três países – México, Coreia do Sul e Suíça – foram objeto de um estudo aprofundado. Só estes três mercados permitiram gerar um valor acrescentado de 600 milhões de euros no setor agroalimentar da União Europeia.

**Porto de Aveiro vai ter um novo plano estratégico**

O Porto de Aveiro vai contar com um novo plano estratégico. A atual versão em vigor conta já com mais de uma década. “Estamos a desenvolver a revisão do documento e as linhas mestras que incidem sobretudo na rentabilização das obras realizadas”, de acordo com o presidente da Administração do Porto de Aveiro, Pedro Braga da Cruz. Este responsável, no entanto, admite que o projeto não dispensa alguns trabalhos para possibilitar o aumento da competitividade.



**PAULO VAZ**  
Diretor-Geral da ATP  
Coordenador do Programa “Fashion From Portugal”

**“Fashion From Portugal”:  
Construção de uma marca coletiva**

A construção de uma marca coletiva é algo demorado, penoso e custoso, sujeita a inúmeros percalços e a um contexto que nem sempre ajuda, antes pelo contrário.

Durante décadas, a Indústria Têxtil e Vestuário portuguesa teve de se confrontar com uma percepção pública, no país e no exterior, particularmente negativa, a ponto de a etiqueta “made in Portugal” se apresentar como desvalorizadora do produto, sendo evitada a sua colocação, a maioria das vezes a pedido dos clientes.

A inversão desta situação foi uma lenta, silenciosa e sofrida revolução, que se operou, em simultâneo com a sua reestruturação, a partir do final da última década, estando obviamente ligadas, enquanto causa e consequência, num ciclo virtuoso, ainda hoje em processo, que transformou uma indústria maldita num “case study” global de sucesso.

Hoje, a etiqueta “made in Portugal” confere valor aos produtos em que é colocada, sendo solicitada pelos clientes internacionais como certificação de origem de alta qualidade, inovação, design e garantia de efetiva observância das regras sociais e ambientais, que hoje se consubstanciam nas preocupações gerais de sustentabilidade, crescentemente demonstradas pelos consumidores finais.

Não temos ainda a notoriedade da Itália ou da França, no que se refere às respetivas indústrias de moda, pois não somos líderes de tendências, de gosto e de consumo, nem temos um estilo de vida, capaz de fazer sonhar o mundo e torná-lo desejável para que se imite, nem temos dimensão crítica de mercado, recursos humanos e materiais necessários para produzir e disseminar modelos de negócio vencedores à escala global, como a Espanha ou a Suécia, nem provavelmente nunca teremos nada disso, mas estamos a determinar o nosso lugar neste específico mundo, escapando da maldição da competição pelo preço, criando especialização, e procurando quota equivalente à nossa dimensão económica e à dimensão da nossa ambição.

A fileira têxtil e vestuário portuguesa é reconhecida internacionalmente por produzir com excelência, por dominar a engenharia do produto, algo que só é possível quando se tem um consistente e avançado sistema científico e tecnológico que trabalha diretamente com ela ( poucos países têm um CITEVE e um CENTI,

ou departamentos de investigação nas universidades com tanto trabalho publicado e em curso ), por ser altamente reativa e flexível ( possui o “lead-time” mais curto do mundo quando falamos de colocar e entregar uma encomenda: 2 semanas para as malhas, 4 para a teia e trama), por estar concentrada na sua esmagadora maioria numa região, numa lógica sinérgica de “cluster” (85% das empresas do sector estão no litoral Norte do país ), por Portugal ser um país simultaneamente desenvolvido, seguro, acolhedor, de custo moderado, bem servido por infraestruturas modernas e se achar próximo geográfica e culturalmente dos seus principais clientes (80% das exportações da ITV nacional vão para a Europa e 33% de tudo que vendemos ao exterior vai para Espanha ) e, finalmente, por poder contar com políticas públicas que estão convergentes com os seus interesses, apesar das habituais entropias que caracterizam a administração pelo Estado, canalizando recursos, através de fundos comunitários, para o investimento das empresas e outros interfaces de desenvolvimento sectorial, possibilitando, por exemplo, a aplicação de programas de internacionalização, que são modelo e inveja das demais indústrias têxteis de vestuário, um pouco por todo o mundo.

Isto define com clareza o que somos e onde podemos tornar superlativas as vantagens comparativas que possuímos, sem embarcar em fantasias incoerentes, normalmente consumidoras de muitos recursos e energia, defraudando expectativas, descredibilizando os agentes envolvidos e não produzindo qualquer resultado tangível.

O programa “Fashion From Portugal”, que a ATP – Associação Têxtil e Vestuário de Portugal está a implementar em prol de toda a fileira, é a primeira sistematização da construção estratégica e global de uma marca colectiva para o sector, que vai exigir esforço, continuidade e persistência, que vai estar sujeita a muitas incompreensões e críticas, mesmo de onde menos se esperaria, mas que, no final, quando a história poder ser contada, já com a depuração da angústia que o trajeto difícil propiciou, vai valer a pena ter sido realizada, pois concluir-se-á que, sem ela, jamais teríamos futuro para a Indústria e menos ainda aquele que queremos para ela.

Este é daqueles artigos, que, felizmente, pelas melhores razões, serei obrigado a visitar e a reescrever com recorrência que o processo determinar. Assim seja.



**CIÊNCIA  
E ECONOMIA**

**JACK SOIFER**  
\*Consultor Internacional, autor de COMO SAIR DA CRISE, ONTEM E HOJE NA ECONOMIA, PORTUGAL RURAL e o bilingue PORTUGAL PÓS-TROIKA?

**CTT e Goldman-Sachs  
lesam Portugal?**

Há vinte anos fundos especulativos alegadamente decidiram em Frankfurt e N.York ludibriar Portugal, como já o tinham feito com outros países. Deram ao País *ratings* altos, quando a dívida pública já era alta e elevaram a dívida privada. O Euro e a sua regra implícita “**não estorvar os fundos e a banca**” agravou arriscados empréstimos para especulação imobiliária, desperdícios e obras faraónicas. As grandes construtoras levaram os lucros para *offshores* e de lá para outros países, certos da crise que viria.

Argentina, Espanha e outros países ouviram os técnicos, e não os políticos do FMI e do BCE e resistiram à Troika. Os governantes, para depois obterem chorudos tachos no FMI, em instituições mundiais ou nesses fundos, não negociaram, deixaram dilapidar o património dos contribuintes acumulado durante meio-século.

Estranhei o Goldman Sachs adquirir uma vital cota dos CTT. Queriam a autorização já dada ao Banco Postal, o que jamais obteriam

os atendentes a vender lotarias e produtos inúteis.

A principal função dos CTT, comunicação escrita pessoal, deixou de ser atendida. As tarifas quase duplicaram. Na minha rua, e ouvi por todo o País, a entrega caiu para duas por semana. Quem quiser que a carta chegue em dois dias paga mais. Em 23/2 recebi uma fatura emitida em 10/2 a pagar em 25/2.

Li agora que o Express2Me, novo serviço dos CTT, permite comprar em muitos sites americanos produtos que aqui chegam a uma taxa reduzida. Não diz que assim os CTT ajudam as empresas financiadas por especuladores (Goldman?) a fugir do IVA em Portugal. Muitas delas têm a sede fiscal em Delaware, paraíso fiscal dos EUA. Também não diz se a comissão que os CTT recebe por publicitá-las é declarada cá ou vai para uma *offshore*.

Os balcões dos CTT não têm a segurança física nem informática suficientes para garantir a integridade dos clientes do banco. Em breve

**“Nos países civilizados os CTT são do Estado,  
mesmo que subcontratem lojas em vez de balcões  
próprios”**

na UE pelos canais normais. O governo decidiu multar CTT. Os 150 mil são nada, comparado aos 30 milhões de lucros previstos em 2017. A venda dos CTT foi uma loucura! Nos países civilizados os CTT são do Estado, mesmo que subcontratem lojas em vez de balcões próprios. A distribuição caiu nos últimos anos, com a vinda da net, mas é vital para manter a coesão num país com concentração habitacional em poucas cidades. As outras atividades os rentabilizam.

Os CTT, à maneira dos fundos especulativos, reteve (retém?) o soldo dos reformados, para aumentar o seu fluxo de caixa. Reduziram o quadro, e as filas duplicaram. Já esperei 23min! Os patos-bravos seguiram as normas da Goldman-Sachs para fazer dos CTT uma máquina de lucro fácil, às custas dos clientes, abusando do poder dominante. Retiraram as cadeiras das lojas, para pôr stands a vender não só livros, mas gadgets que lhes dê lucros. Se pelo menos vendessem livros de autores locais! Instruíram

ocorrerá por cá o que ocorreu no Brasil, assaltos aos balcões com o maior índice de pagamentos nalguns dias do mês. Se **idosos forem ludibriados, como os lesados do BES**, haverá protestos mas, como sempre, o grande especulador estrangeiro levará o lucro e os contribuintes pagarão o rombo. E os fundos ficarão felizes por morrerem reformados e assim reduzir os gastos públicos, já que de bons alunos não têm a coragem de cortar os tachos por eles criados.

As reguladoras, como ANACOM, ERSE, Bdp devem, como nos países Norte-Europeus, ter no Conselho representantes dos clientes desses serviços, através de **pessoas idóneas dos diferentes distritos**. Os regulamentos devem ser aprovados por estes, de propostas vindas das pequenas associações locais, para impedir o forte lóbi que Cavaco Silva denunciou no seu vital panfleto do DN em 17/02/00. Passaram-se 15 anos! O governo fala em corrigir erros. É só falar?

**ASTROLÁBIO**  
ORIENTAÇÃO E ESTRATÉGIA, S.A.